



## XIV

### **Danilo Almeida**

*Psicanalista, membro do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, e escritor.*

Esticou as palmas da mão no intuito vão de defender o rosto dos socos do oponente. O baixinho é fogo. E rápido. Num jogo de quadril, impôs ao corpo do maior o chão. A cabeça latejando. As narinas dilaceradas pelas unhas que levou. Não diriam se tratar briga de mulher, pois o menor tinha um repertório de golpes suficientes para não padecer de tal emblema. No chão, o mais alto ainda teve tempo de notar o braço reluzindo de suor sobre a pele escura. Mas este não se fez de rogado. Encheu o peito de placidez enquanto o sangue ainda ecoava do nariz. Já havia sofrido o bastante. Ergueu-se cambaleante e, contraindo os músculos do quadril, foi para cima do outro. Golpeou-o na cabeça, de cima para baixo. Depois, reclamou os ombros do adversário, acertando-o da direita para a esquerda, desestabilizando o coitado que, ainda assim, resistiu à tentação de atingir o solo. O pequeno previu que estava lascado. O punho do maior atravessou os antebraços do outro, acertando-o no queixo. A violência do murro estilhaçou-lhe os incisivos inferiores. As pernas bambearam. Ainda assim, o menor manteve-se de pé. Não se podia negar que o mais alto tinha lá certa elegância. Afastou-se um pouco e fitou o baixinho. Os olhos suplicantes. Agora chega, não? O menor cuspiu, estreitou o tronco e firmou os pés no chão, ignorando a dor lancinante que perpassava o crânio. Pôs-se ereto e balançou a cabeça positivamente.

Dizem que o confronto se deu por causa de mulher. Uma das pretendentes do miúdo teria sido cortejada pelo grandão na festa junina das redondezas. Ao que tudo indica, o maior não fazia ideia de que a moça já caíra nas graças do invocadinho, cuja principal meta era tornar propriedade tudo o que desejasse. Por isso se apoderara da bola da quadra de futebol e do coração frágil da mãe. Pertences dos quais se apossara lançando sempre mão de algum tipo de truculência. Cresceu cercado do amor da família e do desprezo dos vizinhos. Sua reputação pelo bairro era a de moléstia pouca, que não se deve levar a sério, mas a quem tudo cediam. Vencidos pela impaciência. Ludibriados, talvez, pelas proporções nada generosas do rapaz. Afinal, quem tinha tempo para lidar com o pequeno estorvo? Que corria pelas ruelas arrastando latas de alumínio, que alardeava as maiores obscenidades nas festinhas de aniversário, que respondia à chacota com pedradas, que quebrou o braço do primo ao torcer o membro sobre do pobre sobre suas costas, como quem chega por trás para dar um susto. Havia um ou outro que o prevenisse, pasmos quando diante dos ímpetos do rapaz. No geral, porém, evitavam-no. Crédulos de que bastaria ignorá-lo e, assim, reverter o inconveniente provocador em eco. Por volta dos doze anos, o menino começou a se dar conta da repugnância que sua presença causava. Tal fato aumentava sua raiva, ao ponto de tornar-se recluso nos primeiros anos de adolescência. Modo que encontrou para recusar confinar seus instintos ao corpo franzino que tinha e ao tratamento que recebia. Pois recusava-se a dobrar-se a quem quer que fosse.

Ao voltar para casa depois da briga, alguns parentes seguravam o riso, outros vieram socorrê-lo, parecendo esconder um “bem-feito” por trás da expressão de piedade. O baixinho ignorou a todos. Engoliu a dor – lancinante – e se dirigiu ao banheiro. Muito sangue brotava de suas gengivas. O rosto inchado debaixo dos olhos. Alguns ossos haviam sido fraturados. Ele todo estava dolorido, com algo além da dor física. Examinou os dentes quebrados. E, sem baixar o rosto um minuto sequer, fitou fundo o seu reflexo, como se visse algo longe, que partisse através dele. Os burburinhos no lado de fora começaram a invadir seus ouvidos. Os parentes não se privavam de tecer comentários. Um primo que havia visto a briga entrou, esbaforido, sala à dentro.

- Aí, Junin se fodeu. Se lascou todo na porrada. Eduardo botou ele pra correr, mané... nunca vi disso, não... Se fodeu, mané. Geral viu...

- Como é que foi isso, Juliano?

- Porra aí... sei lá. Por causa de mulé. Dizem que foi a Elaine...

- Ai, ele não sai desse banheiro...

- Ele queria ficar com ela... ontem tava com uns papo aí. Disse pra mim assim, ó: “ela tava na minha mão. Eu ia foder ela todinha. Disse assim. Daí veio o filho da puta do Eduardo, sapecou ela pela cintura e saiu andando.”

- Ai, será por isso que ele chegou aqui mau humorado ontem?

- Ô, Juliano... mas ele não fez nada na hora? Ficou calado?

- Fez nada, não. Mas disse pra mim que ia cobrir o Eduardo na porrada, tio. Eu fiquei vendo ele cantar de galo, né? Eu não vi o começo da briga, não. Os moleque falaram que ele já saiu empurrando o Eduardo na quadra, derrubou ele, deu-lhe uns socos... o Eduardo pediu pra ele parar, mas já viu, né? Parou nada... aí enfiou a porrada nele. Ele deu uns soquinhos lá. Também olha o tamanho do moleque...

- Ai, machucou muito?

- Foi muita porrada, tia.

A porta do banheiro se abre. Todos na sala cortam as frases que pronunciavam. Juninho saiu de cara lavada, o rosto endurecido. Passou os olhos em todos os presentes. Os pais em volta do primo Juliano, uns parentes esparramados no sofá e a cachorra com a língua de fora, a cara tombada e interrogativa. Passou por todos eles até se ater na porta que dava acesso aos quartos. Virou-se para os parentes e disse, deixando expelir aos borbotões o sangue contido na boca:

- Preciso ir ao dentista.

Não tardou a resolver o problema dos incisivos inferiores. Estes haviam se quebrado superficialmente, mas o murro o fez dilacerar as bochechas e partir o osso da mandíbula. Ficou um mês sorvendo comida que a mãe transformava em líquidos para ele ingerir. Durante os dois meses de convalescência, ele mal falava, parecia bastar-lhe assistir tevê. Às vezes perambulava aqui e ali pela casa. Acontece que algo nele se quebrou mais que sua reputação. E num dia desses, sozinho em casa, Juninho se permitiu verter lágrimas, mesmo que sem consciência de onde elas vinham e repetia a frase que viraria a ser sua maior obsessão:

- Filho da puta, fez eu chorar...

E foi a partir desse dia, que os parentes começaram a testemunhar algo profundo que foi-se cavando dentro dos olhos dele. Como se carcomesse uma maldição. O baixinho tinha o que considerava uma virtude, não deixar nada nas mãos de deus para resolver. O que quer que tivesse de fazer seria dado cabo por ele mesmo.

Recuperado, seu ânimo mudou. Ficou bem humorado, jogava truco com os primos sem apontar alguém de que estava sendo pas-

sado para trás, não culpava mais o governo disso ou daquilo, parou de reclamar – como era seu costume – do trânsito caótico e das filas de supermercado. Chegou, inclusive, a ajudar a mãe a preparar uma refeição e lavou a louça de todos da casa. Quando terminou a tarefa, parecia contente, pleno, como se finalmente houvesse achado um lugar naquela família e no mundo. Os parentes estranhavam, concluindo que a surra servira-lhe de lição, que o sangue expelido pelo soco proferido por Eduardo finalmente acordara-lhe os bofes. Como negar que melhor são as pancadas que tomamos pela vida para ensinar-nos uma lição? Eduardo fora vilmente atacado de surpresa. Ao Juninho caberia compreender que não é assim que se resolvem as coisas e que a violência é o caminho para por fim à violência que a própria violência gerara. Essa é uma lição antiga que nós, seres humanos, custamos a apreender, a de conter os ímpetos, de dar o troco e oferecer a outra face. Dentro de uma família de pais religiosos e tios e primos pagãos, também moldados sob a chancela dos limites divinos, fazia todo o sentido. Afinal.

Anos mais tarde, a impressão que se tinha é de que os ânimos do baixinho haviam tomado um prumo diferente. Passou a frequentar a igreja. Na companhia do pai, obreiro fiel dos desígnios divinos. Ele não se dizia crente, mas lhe distraía a mente a comoção dos domingos. Havia dias que chegava em casa tocado fundo pela paixão daquelas pessoas que, como ele, esgarçavam no mundo. Foi numa dessa que conheceu Noeli. Uma moça magra, comprida, de pele castanha, sempre enfiada em estampas florais. Ela tinha uns cabelos compridos que comprimia contra o crânio, de tal maneira o fazer crer que ela intencionava fazê-lo sangrar. Juninho ficara atraído pelo sangue contido naquele corpo, na forma de penteados que dobravam os volumes que ora ou outra se libertariam em forma de cachos miúdos e longos. Fosse na hora do banho ou à noite, quando ia para cama, o que aquele semblante tranquilo velava? Ele não resistiu a esse mistério, vencendo suas mais profundas inibições e inquietações quando diante de uma mulher, foi-lhe penetrando devagar. Primeiro uma frase solta no meio da multidão, depois um sorvete, um cineminha e a moça se deixou conduzir pelos olhos carcomidos e insistentes daquele homem que lhe causava comoção. Refletida na miragem daquele corpo fragilmente constituído. Com ela, Juninho era um amor. Delicado, manso. Falava-lhe sussurrando ao pé do ouvido. Mas não eram segredos inocentes que ele dividia com ela. Os comentários que tecia, com os lábios quase tocando suas orelhas, eram a reafirmação do mundinho que erguiam e reerguiam juntos, a partir e à parte de todo o resto. Não tardaram a julgarem-se o homem e a mulher da vida um do outro. E, bem aos moldes da cultura cristã, casaram-se. Ela de branco, ele de terno azul marinho e flor na lapela. A cerimônia fora simples e, enquanto o pastor discursava, seus olhos miravam o que há de mais essencial em uniões dessa or-

dem. A casa, os corpos, o futuro e os frutos que porventura viriam. Mas aquele era o momento dos dois. Eles o estenderiam ao máximo. Prova disso é que não tiveram filhos. Era como se dissessem ao mundo, “deus que se foda”. E riam de si mesmos ao perceberem que os fins de tarde dominicais na igreja não lhes serviam mais. Cabiam-lhes apenas um na luva do outro. E assim se dedicaram aos quase vinte anos que viriam.

Numa tarde de setembro, Juninho visitava os pais com a esposa. Era uma dessas reuniões de família alvoroçadas. Uns quedavam no sofá dividindo o papo consumindo refrigerante, já os menos crentes ficavam isolados no quintal tomando umas cervejas e esbravejando os bofes. O primo mais velho partilhava efusivamente as dificuldades que encontrara ao bater a laje de casa, expondo a todos os mais ínfimos detalhes do ocorrido, incluindo o quanto lhe custara às mãos e ao bolso o preço do material para a reforma. Ao passo que a tia-avó, tida como a matriarca da família, se queixava, inconformada, do sacrilégio que era as irmãs de igreja não respeitarem as normas de vestir no recinto de deus. Enfim, nada de excepcional. A parentada reunida em volta do macarrão de domingo, do mesmo modo que sempre fizera anos a fio. Comoções que causavam, em Noeli e Juninho, certo mal estar. Haja visto que raramente dispensavam mais que duas ou três horas em zum-zum-zuns desse tipo. Como era época de São Come e São Damião, os morados daqueles quarteirões de Realengo se mantinham fiéis à tradição do lugar. A de colocar à disposição um carro que percorria o bairro distribuindo doces enquanto os pequenos disparavam atrás do automóvel aos berros. Naquela ocasião, porém, os chamados da buzina fizeram correr não apenas os mais jovens. Os adultos também se deleitavam ao testemunhar suas crianças tomadas de um frenesi de respeito. O Baixinho, sabe-se lá por quê, ficou dentro de casa enquanto via os parentes se esvaírem para fora e deu-se apenas ao trabalho de deslocar-se da cozinha para sala. Foi quando viu sobre o sofá um revólver. Ele não se fez de rogado. Catou-o escondendo-o entre os panos da calça e a pele que envolvia o osso do quadril. Nada disse a ninguém e não houve quem desse falta da arma.

Duas semanas se passaram e Juninho passeava com Noeli pelo centro de Bangu, bairro em que moravam. As marquises não davam conta de abrandar o calor. O suor escorria incessante da testa de ambos.

- Amor, tenho que te falar um negócio aí...
- O quê?
- Achei um revólver na casa da minha mãe sábado
- ...

- Não sei por que peguei ele. Mas não consigo resolver... tô andando com ele na cintura desde daquele dia.

- Juninho, escuta o que eu vou te dizer: se você fizer uma besteira, eu te largo...

Ele ficou um tempo calado. Sem entender a frase tão direta da esposa. Foi como se ela antevisse o que ele nem havia cogitado.

- Não consigo devolver.

- De quem é?

- Não sei. Do tio Milton talvez. Do meu pai que não é. Eu não lembro quem tava sentado ali. Você tava na sala... foi na ponta da esquerda. Não era o Juliano, não?

- Não lembro. Devolve. Faz o seguinte: volta na sua mãe agora e põe o revólver no mesmo lugar que você achou. No mesmo lugar. Tá? Assim, ninguém vai ficar sabendo que foi você que pegou. Ouviu? Na hora de sair, põe no mesmo lugar.

Juninho refletiu uns segundos. Calado, sem responder. O semblante de quem presta atenção sem precisar olhar.

- Tá. Tá bom. Vou fazer isso.

E saiu esbaforido pela rua em direção ao ponto de ônibus. Obstinado a dar cabo da situação o mais rápido possível. Dentro do coletivo, hermeticamente fechado, Juninho deixava carcomer mais os olhos, olhando para dentro, alheio ao amontoado de carros a sua frente. O sol a pino castigava seus ombros e as coxas, enfiadas sob o brim da bermuda. Quando deu por si, estava na Marechal Fontenelle, a poucos quarteirões da casa dos pais. Ele hesitou a puxar dar o sinal da descida. Trêmulo que estava, como se o corpo lhe fosse um oco revestido de pele espessa e escura, repleta de veias. As maiores testemunhas das batidas do coração que ressoavam em seus ouvidos como tambores. Já na rua, conteve os passos ao se deparar com a praça erma em que passara anos da infância. O local lhe veio como um estranho familiar. Como se sua presença anunciasse uma espécie de retorno. A pulsação aumentava, chegava a latejar na cabeça. Juninho, então, atravessou a rua, penetrando nos confins daquele recorte de Realengo. Mesmo morando em Bangu, esse era um pedaço que julgava jamais ser deixado para trás. Cruzou uma biroscas. Nela, antigos conhecidos lhe cumprimentaram. A familiaridade do tratamento recebido o fez pensar que ele jamais deixaria de fazer parte daquela paisagem. Passou em frente a uma pintura de São Jorge sobre um muro branco e dobrou a esquina da sua casa de menino. Enfrentou um desfiladeiro de amendoeiras, cujas raízes brotavam do asfalto e cimento desgastado pelo tempo e pelo clima. Até parar em frente ao

portão de metal azul marinho. Abriu-o. Seguiu em direção ao puxado que cabia aos seus pais, girou a maçaneta destrancada e depositou a arma sobre o sofá verde. No canto esquerdo. Não havia pessoa que o tivesse visto entrar. Depois do feito, clamou pelos parentes. Nenhuma resposta. Foi em direção aos quartos, ouviu passos estalando por cima da laje e julgou sê-los de sua avó. No quarto dos fundos, ouviu um canto de mulher se prolongando cômodo adentro. Reconheceu nele a voz de sua irmã, que o entoava enquanto pendurava roupas no quintal. Desejoso de não se fazer perceber, o baixinho deixou o recinto. Refazendo o caminho que o levou até lá. Até ouvir gritos vindos da casa de esquina. Um alvoraço. As pessoas aglomeradas. Uma mulher se atirou para fora aos vômitos, outro gritava revolta em meio às lágrimas. Juninho foi desacelerando o passo. Mas o receio em seus ímpetos acabou vencido pela curiosidade. Até entender do que se tratava. Eduardo havia sido encontrado morto em seu quarto. Ele fora assassinado.

O crime fora tão brutal que mereceu manchete em capa de jornal e menção honrosa em noticiário de tevê local. Eduardo não havia sido apenas assassinado, mas submetido a uma série de torturas das mais desumanas até o golpe final: um tiro no meio da testa. Seus olhos miravam o buraco de bala quando fora encontrado o corpo esmigalhado das coronhadas e chutes que levou. O morto tinha sido amarrado e deve ter implorado muito pela vida. Sua expressão mortis era de súplica. Um Jesus Cristo amarrado em fios de energia elétrica. Dois disparos foram proferidos, um em cada mão e um terceiro atingiu-lhe a canela. O couro cabeludo fora arrancado do topo da cabeça até à nuca. As unhas foram-lhe retiradas de todos os dedos, dos pés e das mãos. Seu ânus estraçalhado indicava sodomia não consentida. Quando saiu o laudo da perícia, este indicava que tais práticas foram exercidas enquanto Eduardo ainda estava vivo. O caso acabou batizado de “O furor de Realengo”, para o desgosto dos parentes do defunto. Durante semanas o crime encontrava espaço na grande mídia. Na vizinhança pouco se falava em outra coisa. Especulações sobre quem era o criminoso eram comuns. A família de Eduardo reagiu exigindo justiça na tevê, mas um de seus irmãos nutria fazer justiça com as próprias mãos e prometeu a si mesmo que daria troco à altura, no caso de acharem o assassino. Não era de se espantar que nas especulações sobre o crime, o nome de Juninho pouco era levado em conta. Primeiro porque a briga com o Eduardo já era fato esquecido por muitos. Segundo, reputação de enfezado que o baixinho tinha já era coisa do passado. Além disso, sua baixa estatura não fazia coro com a brutalidade com a qual o delito havia se dado.

Em Bangu, Noeli, inquieta, às vezes rodeava o marido com perguntas, embora tivesse muito medo das respostas, que sempre vinham de acordo com suas expectativas, mas elas deixavam uma

espécie de rastro que ela via nos olhos carcomidos do marido. Juninho agia normalmente, indo à feira nas quintas ou ao trabalho na loja de departamentos, mantinha um sorriso afiado. Um pouco mais bem humorado que o de costume. Talvez expressando certa leveza na convivência com os outros e na forma na qual dava cabo de seus deveres. Alegava não ter ideia de quem poderia ter cometido tamanha atrocidade. De modo que nem especulava em forma de nomes o autor daquele crime considerado passional. Era público e notório que Eduardo não tinha dívidas nem de jogo, nem envolvimento com drogas. Não se tinha notícia de nenhum crime que pudera ter cometido. Sabia-se apenas que ele era um homem bem casado e com duas filhas. Um pai de família honesto e trabalhador. Sua boa reputação não permaneceu imaculada depois de sua morte, mas fato era que ele não devia nada a ninguém. Eduardo tinha fama de paciente e cordial. Entornar um pouco mais além da conta aos domingos era o máximo do que conseguiam acusar-lhe. Evidente que começaram a conjecturar uma vida dupla. Sua viúva ficou bem doída quando desencavaram um caso que o marido tivera com a irmã. Única pulada de cerca do defunto. Mas a amante era, na época, solteira. Status no qual permaneceu até o dia da tragédia. Tudo apontava na direção de que o morto vivera sempre naqueles quarteirões, sempre aos olhos de todos. As evidências eram de que não havia motivação na proporção daquela tragédia. De modo que só poderia ser obra de um desconhecido.

Com o fim de ano chegando, as famílias começaram a deixar o assunto de lado e se concentrar nas festas. Juninho e Noeli decidiram passar o natal na casa da família dela, que morava lá pelas redondezas de Senador Camará. O ano novo seria celebrado em Realengo. Na manhã do dia vinte e três de dezembro o casal resolveu visitar a família do marido e, lá chegando, se depararam com um carro de polícia na porta. Os dois estranharam. Juninho petrificou-se enquanto Noeli correu para dentro para saber do que se tratava. Lá, assistiu ao sogro sendo algemado. Juninho, que permanecera do lado de fora, pôde assistir ao pai entrando no camburão. O filho teve tempo de ver os olhos gélidos, sem expressão, do pai, o fitarem enquanto ele entrava na viatura. Minutos depois, os vizinhos se aglomeravam em frente à casa. As pessoas a sua volta berrando palavras de ordem, xingando-o de assassino, de monstro. A comoção dos vizinhos era tanta que um carro de polícia foi acionado para garantir a segurança da família. O que não impediu que pedras fossem arremessadas contra as janelas da casa superior da frente e um balde de merda fosse atirado na parte de trás do quintal.

Todos foram pegos de surpresa com o fato. Depois de o pai de Juninho, seu Mauro, sair algemado da casa da família, os parentes, acuados, souberam os detalhes do crime através de um escandaloso noticiário de tevê. De acordo com o que fora apurado pela polícia,

a arma que matou Eduardo havia sido roubada pelo pai de Juninho há cerca de seis meses antes do assassinato. O dono do revólver, um amigo seu de igreja, reportou logo o crime à polícia. Todas as evidências confluíam para que o ladrão fosse o autor do crime, já que a bala que matou Eduardo com um tiro na cabeça fora disparada por essa arma. Soma-se isso ao fato de o acusado ter sido flagrado por uma vizinha, que preferiu não se identificar, e que afirmou tê-lo visto no quintal de Eduardo. A perícia constatou que a hora da morte se deu ainda no período da manhã e que o crime levava horas para ser dado cabo. Não seria de se estranhar que o assassino comesse a sessão de tortura logo cedo. O corpo, porém, só foi encontrado no fim da tarde. Ninguém ouvira os três tiros disparados porque o quarto em que se deu o acontecido tinha janelas antirruído, construídas por Eduardo por conta do barulho que as crianças da família faziam no corredor que levavam até onde morava, nos fundos do terreno. De modo que os estalos de bala, abafados pelo concreto e pelo vidro espesso, foram percebidos pelos locais como fogos de artifício ou qualquer coisa de natureza inofensiva. No terreno em que habitava a família de Juninho ninguém podia acreditar que o pacato seu Mauro seria capaz de tamanha atrocidade. Com medo da reação dos locais, a família decidiu que não passaria a noite lá. Sabendo, inclusive, que a proteção da polícia não duraria muito. Então decidiram sair na calada da noite. Como eram numerosos, cada um foi buscar abrigo onde podia. Juninho acolheu a mãe e a irmã e a avó em Bangu. Os que sobraram se mandaram para a casa de um dos primos, que morava em Sulacap e outro em Campinho. Somente a tia-avó, matriarca da família, se recusou a sair. Ficou em casa, certa, e com razão, de que nada de mal lhe aconteceria. Pois sabia que o ódio da vizinhança é fogo que dá e passa. Além do mais, a casa era dela, ora bolas.

Naquela noite, depois de preparar a cama das três hóspedes, Juninho foi se deitar com a mulher. Noeli passara o dia calada, tensa. Ao lado do homem que amava, na cama, permaneceu silenciosa, sem dirigir palavra ao marido. Foi assim que ela apagou a luz do abajur sobre a mesa de cabeceira. Imersos naquele breu, Juninho desatou a chorar. Noeli permanecia muda, fingindo ter caído no sono. Se tivesse remédio para dormir, tomava.

- Noeli... Noeli... tá acordada, amor? Tenho uma coisa para te contar... – a mulher imóvel sobre o lençol fino. Juninho ouvia apenas o ronco do ar condicionado no cômodo. Era como se ela não respirasse.

- Tem uma coisa que não bate nessa história. Hein, amor. Acho que não pode ter sido meu pai que matou o Eduardo. Eu acho que fui eu.

- Como assim? Não diz besteira, Juninho. Vai dormir. Ama-

nhã a gente conversa. Você ficou muito impressionado.

- Não. Eu digo isso porque acho que o meu pai não poderia ter matado o Eduardo. Eu cheguei lá no fim da tarde. Meu pai não estava com a arma quando o crime aconteceu.

Noeli arregalou os olhos. Não respirava, arfava. Permaneceu muda, de costas para o marido.

- Eu tô te dizendo, Nonô... O meu pai não estava com a arma quando o crime foi cometido.

- Júnior, o crime foi cometido de manhã. Você só chegou lá à tarde... de manhã você estava em casa. Comigo. Esqueceu? – Disse, em tom mais alto. Ainda sem se virar.

- Nô... eu cheguei lá antes de acharem o corpo e quando saí, eles tinham acabado de encontrar o Eduardo morto. Eu tava tão atordoado quando cheguei lá. Tão atordoado. Acho que matei ele e não me lembro. Não posso deixar o meu pai pagar por esse crime. Que eu cometi.

Noeli se vira para o marido, acende a luz do abajur. Com fogo em seus olhos.

- Você passou o dia comigo, Júnior. O dia comigo!

- ... Noeli, eu te mostrei a arma, você me pediu pra deixar de volta onde eu peguei. Eu deixei na casa do meu pai.

- Que arma, Júnior? Você passou o dia comigo. Não foi no dia do crime que você foi lá. Eu não vi arma nenhuma. Tá louco?

- Mas... eu te mostrei. Na cintura. Te mostrei. Você me mandou deixar onde eu peguei. Eu fui. Foi no dia que o Eduardo morreu. – Os olhos carcomidos foram se preenchendo de lágrimas.

- Você passou dia todo comigo! Ouviu? O dia todo comigo!

- Se eu fiz isso não posso deixar o meu pai ir pra cadeia. Você não entende?

Noeli desistiu de perder a paciência com o marido. Seus traços foram ficando doces. De súbito, ela se tornara de uma brandura comovente. E posou a mão no rosto do marido, desejosa de conter seu olhar marejado.

- Amor, você passou o dia inteiro comigo. E eu não vi arma nenhuma, Júnior. Por favor, dorme. Amanhã seus pensamentos vão clarear. Você teve um dia muito difícil. Dorme, vai... amanhã a gente conversa. Tá bom?

Juninho emudeceu com as palavras da mulher e ajeitou a cabeça sobre o travesseiro. Ele mirava o teto quando a luz da luminária cessou.

Era um breu só. Mesmo de olhos escancarados, Juninho parecia envolto em uma névoa negra. De modo que ele a seguiu perdendo-se na forma daquela escuridão toda, as mãos quase formigavam, seu corpo perdia os limites, como se fizesse parte daquela escuridão. Aos poucos a imagem de uma nebulosa foi-se formando e, finalmente, as trevas em que estava mergulhado ia cedendo, dando lugar a matizes profundas de azul e verde. Daí, pequenos rastros violetas foram se insinuando, sinuosos, diante das córneas. A cor foi dando lugar a uma espécie de fumaça rosácea cujo brilho foi ganhando em imensidão vermelha, transmutando-se numa espécie de nuvem de luminescência morna, para daí aumentar de intensidade até ganhar um aspecto rubro, vibrante e opaco, como se estivesse adentrando uma floresta de sangue. Foi então que a claridade se fez. Primeiro o vermelho intenso dando lugar a um alaranjado, depois o amarelo, para então vibrar com raios penetrantes, brancos, de uma resplandecência quase absoluta. Juninho pairava sobre um mar azul, seu corpo sustentado por um sopro fino, a brisa deslizava sobre o seu rosto. Ele era todo um astro, pequeno e gélido diante daquela imensidão toda. Havia agora uma atmosfera, seus gases, sua pressão, seus relevos, seus vales. Ele, ser de carne; ossos; sangue e veias, estava vivo. Ele sorriu. Num piscar de olhos, ele estava diante do seu Mauro. E a única porta de saída se achava atrás do pai.

Os olhos percorreram as paredes pintadas de branco, carcomidas pela umidade, repletas de manchas. Julgou serem fruto da umidade do local. Uma sala comprida com um piso de cerâmica bege, num padrão que imitava mármore e que não escondia os maus tratos do lugar. Era uma sala comprida. Ele, sentado numa cadeira velha de fórmica, seu Mauro a sua frente atrás de uma mesa de escritório. A expressão amarga e sorumbática do pai fez irreconhecível o homem com quem convivera a vida inteira. Um ar acusatório foi-se formando na face do mais velho, que de resignado passou a odiento. Abutres pousavam na sua cabeça e nos ombros, formando uma coroa. Juninho não se amedrontou da cena. Era a voz do patriarca o que mais ansiava.

- O que você está fazendo aqui? Disse que não me visitasse. Cometi um crime pelo qual devo pagar.

- Minha pergunta é por quê?

- Por que supõe que é capaz de entender a resposta?

- Me diga por que assumiu um crime que eu cometi. É só o que eu te peço.

- Ora... mas até isso você quer de mim? A autoria dos meus pecados? Que coisa mais estranha... Siga cometendo os seus crimes. E deixe os que eu cometi em paz.

- Pai, não minta para mim. Sei bem que fui eu que matei o Eduardo.

- E por algum acaso você se lembra do ocorrido? Fui eu quem pegou a arma e dei cabo da vida dele. Não seja tolo...

- Não. Mas a arma do crime estava em minha posse na hora do crime. Em minha posse! Eu achei ela jogada em cima do sofá de casa.

- Cale-se!

- Devo ter esquecido por causa do trauma. Você não entende! Pelo amor de deus! Eu conheço o senhor desde sempre e sei que seria incapaz disso. Perdoa, meu deus! Quem matou o Eduardo fui eu! Por que está fazendo isso? Não vê...

- Cale-se!

- Eu sempre quis matar o Eduardo desde que ele quebrou os meus dentes na briga! Planejava mentalmente como o mataria! Com requintes de crueldade. Exatamente como o que aconteceu. Como o senhor soube que fui eu? O senhor quer me proteger?

- Cala a boca!

- Um homem assume os seus erros! Foi o senhor que ensinou isso pra gente! O senhor!

- Cala essa boca!

- Eu sei que não fui um bom filho, nem muito cristão, sempre quis matar o Eduardo! Quem cometeu esse crime fui eu!

- Cala a boca, Mauro Júnior! Cala a porra dessa boca! Você acha mesmo que eu não seria capaz? Que o pacato senhor Mauro não mataria a sangue frio o grandalhão do bairro? Ora essa... sempre me consideravam um moloide, um borra-botas, um fraco. Um idiota! Pois agora provo que não. Quem matou fui eu! Eu! Fiz e o faria de novo e de novo! Vocês estavam cegos! Agora sabem a verdade sobre mim. A verdade que carrego no meu coração...

- Pai... isso não pode ser, eu...

- Cale-se! Não é porque você é meu filho que acha que tem o direito de me usurpar dos meus pecados. Você que vá cometer os seus! Ouviu? Vá cometer os seus e saia daqui, que eu não quero te ver nunca mais! Covarde! Vá embora! Você não passa de uma decep-

ção! De um mau agouro!

O chão estremeceu. Os móveis desabavam enquanto o suor escorria da testa de Juninho que não teve tempo de correr. Ele logo seria engolido pela nebulosa que o levou até àquela sala comprida. Ocorreu-lhe apenas correr em direção à porta. Seu Mauro seguia insultando o filho. Juninho não ouvia mais o pai. Uma espécie de terremoto tomou o lugar e antes que pudesse abrir a porta, fitou os olhos de Noeli, gigantes tomando a cena. O homem quis gritar, mas se conteve. Por respeito à mulher. Ela sacolejava-o, o rosto aflito. Seus cachos miúdos trepidavam sobre os ombros, escorriam sobre os lençóis.

- Que susto! Você tremia, homem...

- Foi um sonho ruim.

- Eu sei. Mas você não acordava.

Juninho se levantou e perambulou sonâmbulo pela casa. O clima entre os parentes não estava nada bom. A família assistiu pela tevê a notícia de que seu Mauro havia confessado o crime brutal. A mãe era de uma mudez inconformada. Qual tragédia se abatera sobre os seus? Noeli placidamente resolveu passar o café. Talvez os estímulos da cafeína fizessem frente àquela paralisia atônita dos quatros. A avó cerrou os punhos, alisando o polegar direito sobre o peito da mão, que não conteve o franzir das sobrancelhas e as lágrimas silenciosas cravadas em suas bochechas. A única que percebeu o pranto da velha foi a irmã que; com a boca entreaberta, inquisitiva; transparecia, para um observador mais atento, uma espécie de júbilo confuso. Já os olhos carcomidos de Juninho permaneciam vidrados. Como diria à família que a autoria do ocorrido havia sido sua? Por mais que a lembrança falhasse, por mais que o sonho denunciasse o contrário, ele estava convicto de que era o grandessíssimo assassino.

Os dias se passaram e os trâmites do processo ocupavam a todos. Seu Mauro permanecia mudo em relação ao ocorrido. Quando perguntado, permanecia recluso de si, econômico nas palavras. No rosto, ao contrário do sonho de Juninho, retornara a expressão fechada e branda. Transparecia certa confusão diante dos parentes, como se seguisse levado pela vida. E por deus. Como sempre foi e que, depois do crime, sempre será. A irmã fitava-o sempre incisiva, buscando no homem pacato o assassino. Onde residia a coragem para tamanha atrocidade? O que seu Mauro deixava a ver eram modos contidos, as palavras balbuciadas. A mulher e a mãe pareciam terem se resignado, conformadas. Sem críticas e sem orgulho. Juninho permanecia envergonhado. Como permitir que caísse sobre o pai tamanho sofrimento? Viu no pai um trapo. Um apenas isso. O velho era uma sobra, um sopro fraco. De modo que foi assim, nos meses

que se seguiram que ele passou a levar a vida. Um espelho ao avesso do pai. No peito, a autoria do crime ainda latejava. Os companheiros de trabalho foram-lhe caridosos, os amigos mais chegados não lhe faltaram em cumplicidade. Um crime desses na família era coisa delicada. E quando o espetáculo midiático deixou as barbas de molho, o furor de Realengo deu lugar ao furo.

Mas Juninho permanecia inquieto. Deu para fumar mais do que o habitual, inconformado com o próprio destino, pulverizado pelo cotidiano. Como era agora o homem de casa, tinha que arrumar os meios de defender o pai. Arranjou um bom advogado. O fato de o crime ter se tornado célebre abriu caminhos para sólidas estratégias jurídicas. Mesmo assolapado pela culpa, mesmo carcomendo os olhos mais e mais ao ponto de uma quase cegueira, não se sentia em posição de recuar de suas obrigações de filho. Junto com elas vinha-lhe um suor nas mãos. Suas reações se tornavam enérgicas. Certa vez, arrumou uma confusão num supermercado, quase indo aos finalmente com um sujeito que desrespeitara seu lugar na fila do pão. De modo que começou a contar carneirinhos para dormir. No fundo do peito ainda pulsava a acusação de que ele havia sido o autor do crime. “Meu pai adiantou-se, chegou antes de mim”, pensava. Guardava para si a certeza daquela atrocidade. Não era possível que o pai adivinhasse o que durante anos lhe ocorria cometer. Mesmo que em forma de devaneio. O carcomido nos olhos fora, durante quase vinte anos, o peso na balança dos olhos carcomidos pelo soco de Eduardo. Só matando. Nem o amor de Noeli, tampouco as lições de seu Mauro ou os versículos da bíblia, latindo em sua memória como cães raivosos, eram capazes de conter o impulso de reduzir a pó o grandalhão do bairro. E deu para cobiçar copos de aguardente que via pelo caminho, na volta do trabalho. Seja um bêbado! Ouvia ressoar em seus ouvidos. Um dia não resistiu e cedeu aos encantos do álcool. Eram duas da manhã quando Noeli o viu surgir, cambaleante, porta a dentro.

- Júnior, o que tá havendo? Você nunca chegou em casa a uma hora dessas? Fala comigo, por favor!

- Falar o quê, mulher? Você já sabe, você não me merece! Eu sou um assassino. E pior: um assassino que deixa o pai apodrecer na prisão!

- De novo isso? Não vai acabar nunca, é?

- Eu matei o Eduardo. E pior: condenei meu próprio pai à morte.

- Meu deus, homem, você está louco! Acorda, pelo amor de deus! Olha pra mim, nos meus olhos, meu amor. Você não pode ter matado o Eduardo.

- Eu matei, sim! Eu! Eu! Eu peguei a arma... você sabe, eu te contei! Você mandou eu devolver! Eu obedeci, mas não resisti e matei o Eduardo! Matei o fortão do bairro. Como eu sempre quis que ele morresse! Você não entende, amor? Acredita em mim!

- Que arma, criatura? Que arma? Que devolver? Você passou a manhã do crime comigo! Comigo aqui em casa! Aqui!

- Para, Nonô! Como você não se lembra.

A mulher percebeu que era inútil insistir contra a convicção do marido.

- Amor, eu tava lá, vi a polvorosa depois do crime. Eu tava lá!

Noeli secou o rosto. Olhava para o marido como se o penetrasse inteiro e fundo.

- Você não acredita em mim? Não acredita?

- Acredito.

Juninho estranhou a reação da mulher. Agora não sabia se se conformava ou se confessava a atrocidade cometida.

- Diga-me como foi exatamente que aconteceu. Fala pra mim...

- Eu cheguei lá... deixei a arma no sofá onde achei, como você falou.

- Como eu falei... você fez como eu falei... tá certo.

- Não, mas isso é o que eu me lembro. Eu entrei na casa do Eduardo e dei um tiro no meio da testa dele. Pedi pra se ajoelhar, disse que não queria fazer isso mas que tinha que ser feito. Ele não tuteou. Nem um segundo. Resignou-se. Se ajoelhou diante de mim, fechou os olhos e eu dei o tiro. No meio da testa. O corpo dele caiu para trás. Como um saco cheio de batatas.

- Sei. Então você é o furor de Realengo mesmo, então.

- Matei ele com dignidade. Queria reduzi-lo à pó. Mas o matei dignamente. Assim que tava escrito.

- Eu acredito.

- Acredita?

- Sim.

- Por quê? Por que acredita agora?

- Porque eu também cometi esse crime.

- Mas agora o meu pai vai ser condenado. Vai morrer na prisão.

- Isso mesmo. Se ele não se matar, morre lá, pelo visto.

- Não tem defesa, né? Contra esse crime, não.

- Não?

- Não posso deixar isso acontecer com ele, Nonô. Não seria justo...

Juninho desatou a chorar miúdo. A mulher o encobriu com os braços. Os olhinhos apertados, fixos no rosto do marido. O homem olhava para o chão. Enlaçou-a na cintura. As mãos dela acariciavam sua nuca. Dava para sentir a compressão do diafragma dele. Foi então que ela abriu os lábios lascivamente e disse-lhe ao pé do ouvido:

- Minta!

- Mentir?

- Minta, meu amor... você não entende? É a única saída. Você se acostuma. Minta!

Juninho foi espremendo com mais força a cintura da mulher.

- Não posso fazer isso! Deixar o meu pai pagar...

- Foi ele quem te colocou no mundo, amor. Mentel!

- Não!

As mãos de Juninho foram se levantando em direção ao pescoço da mulher.

- Mentel!

- Não posso! Não consigo! Meu pai é um homem bom!

E estrangulou a mulher.

Seu corpo caiu aos seus pés. Inertes. Tanto sangue naquelas mãos. Uma coroa de abutres posou sobre ele enquanto chorava ajoelhado sobre o corpo de Noeli. Suas lágrimas encharcaram a camisola dela. Tanto sangue. Não havia jeito. Teria de dar cabo de si. E deu.

O enterro de Noeli foi modesto, mas bonito. O de Juninho num cemitério público. Seus ossos foram mercedores do pó ao qual retornaram.